



S. BASILIO EM MOSCOW.

VOL. I. — 4.ª SERIE.

MARÇO, 14, 1857.

C. M. L.
 GABINETE
 DE ESTUDOS
 OLISIPONENSES

S. BASILIO EM MOSCOW.

Proximo da porta santa do Kremlin está a cathedral de S. Basilio; só a architectura gothica em seus caprichos mais extravagantes é comparavel a esta primaz das egrejas russas. Está situada na praça denominada Vermelha; apresenta vinte torres e cupulas, todas de differentes formas e tamanhos, e pintadas de quantas côres podem imaginar-se.

Historiadores ha que affirmam que foi construida para commemorar a tomada de Kazan; outros dizem que foi obra de uma phantasia do czar Ivan o terrivel, ordenando que n'uma só fabrica e sob o tecto geral a todas se erigissem muitas e separadas capellas, e de modo que os officios divinos se celebrassem n'ellas simultaneamente e sem dependencia umas das outras.

N'este caprichoso agrupamento a torre que sobrepuz ás demais tem cento cincoenta e seis pés de altura, e denomina-se o seu recinto o templo de Santa Maria Protectora. Todos os ornatos de architectura tanto internos como exteriores são de invenção irregular e parecem mais obra do acaso do que de systema combinado; mas a sua profusão, a riqueza dos materiaes, e mais que tudo a variedade não deixam de captivar por momentos a attenção do estrangeiro, que prompto se desengana da falta da arte e da enormidade e aleijões de todo aquelle conjunto, embora custoso no despendio, mas desprovido das qualidades que o gosto artistico nota e aprecia.

M.

ESPANTOSA INUNDAÇÃO DE MAR.

I

«De instante a instante, as ondas agitadas,
Umás sobre outras, com furor rehentam,
E quaes medonhas bombas remecadas
Por inimiga mão, tudo amedrentam.»

CALDAS.

O anno 1839 aproxima-se do seu termo sem que na ilha de San-Miguel, a primeira dos Açores, se tenha experimentado intemperie de estações, rigor do inverno que já era começado, e que muitas vezes se mostrava intratavel.

Chega o principio de Dezembro, e não pode presentir o espantoso caso que está imminente.

No segundo dia d'esse mez, corre na cidade de Ponta-delgada um forte e insoffrivel nordeste: continua por toda a noite seguinte, e só termina com a manhã do dia 3, que desponta sereno, e nem por sombras presagia successos perigosos.

O quarto dia apparece carrancudo e toldado. Correm ventanias de leste e lessueste; o mar braveja descomposto. É o precursor da catastrophe — é o primeiro grito da tempestade!

A noite ante o dia 5 foi de chuva moderada, que, tornando-se forte e copiosa por inter-

vallos, findou pelas oito horas da manhã. Continuaram porém sempre rijos os ventos predominantes durante a noite, e começou então o temor das vagas que cresciam com prodigio, e da maré que ia na sua enchente.

É espectáculo atterrador ver o oceano investir com praias indefesas — o elemento solido a arruinar-se, a succumbir! Montanhosos vagalhões varrem toda a ancoragem — as infelizes embarcações, que ainda jazem na abra, sacode-as soberbo impeto!

As oito horas e meia da manhã torce o vento a oeste e noroeste. D'ahi cursa meia hora, e abranda perto das nove. Entretanto o entumescimento das ondas recresce, arremessando-se desapiadadamente sobre os limitrophes da cidade, e pontos mais baixos da costa meridional da ilha!

Então começaram a amotinar-se temerosos os habitantes da cidade, e dos logares ameaçados. As vagas furibundas batem fortemente as costas, e principiam uma eversão lastimosa e pungente! Pelas dez horas a maré tem chegado ao seu mais admiravel crescimento. Quatorze pés subiu a enchente assustadora! (1)

O painel que pelo meio do dia apresenta a cidade assaltada de um inimigo tão poderoso, seria grande ousadia querer esboçal-o. Digam-nos tantos corações afflictos — os pobres esbulhados de seu mais precioso possuir, a afumada habitação — os lamentos de tantas victimas, em um abrir e cerrar d'olhos condemnadas á miséria, vendo sumir-se no insondavel abysmo do oceano toda a sua fortuna, todos os seus teres, perdidos sem esperanza — diga-o toda uma numerosa povoação em alarme, correndo espavorida, tremendo diante das furias do ondoso elemento, e chorando sobre o montão de desgraças, que elle fazia! A costa do sul de Ponta-delgada só apresentava uma pavorosa linha de ruinas!

As vagas espraíam-se com impeto incomensuravel. Nos logares mais baixos, o mar entra pela superficie de mais de sessenta braças. Os de maior altura, em que não ha rocha, são aluidos e despedaçados. Nos pontos de rocha natural, ou muralha de forte construcção, d'este modo tornados inexpugnaveis, as ondas, arremessando-se indignadas, sobem em pyramides conicas á altura de setenta pés!

A revolução que similhante enchente causa onde penetra basta que a enunciemos notando a analyse feita nas materias que revolveu e arrojou ás praias, ou aos terrenos litoraes. Pelo espaço de mais de cento e vinte braças, nas immedições da costa no bairro de Santa Clara, extremo occidental da cidade, se descobriu uniformemente esta transição: primeiro strato (superficial) terra vegetal — segundo, cascalho amarello grosso, na altura de cinco polegadas — terceiro, terra vegetal — quarto (inferior), pedregulho.

Não foi só Ponta-delgada a victima d'aquella

(1) As marés ordinarias nunca excedem cinco pés. A sete, quando muito, chegam as extraordinarias ou equinociaes.

revolução, e poderosos assaltos do mar: em todos os demais concelhos da banda meridional da ilha de San-Miguel se provaram com amargura os seus flagellos, desde a cidade até villa-Franca-do-campo — desde a Ribeira-quente até a Povoação — e ahí estão as folhas periodicas então publicadas na ilha que o attestam. (1) Tambem quasi todo o restante do archipelago dos Açores os quinhoo, especialmente a ilha Terceira que não foi a mais deslembada (2).

Os estragos que nas ilhas a inundação causou avaliaram-se em alguns centos de contos de reis!

Taes foram as capitaes desventuras que mui de perto e por muito tempo amarguraram a existencia de grande parte dos açorianos.

Continua.

JOSÉ DE TORRES.

CHRONICAS MONASTICAS.

DA COMPANHIA DE JESUS.

III

CASA DE S. ROQUE.

Continuação.

Dois relicarios de madeira doirados em forma de retabolo, cada um de tres palmos de alto, com trinta e quatro repartimentos de varias reliquias. Um dos relicarios contém pedaços do Santo Lenho, do Santo Sudario, e da toalha da Mesa do Senhor; e reliquias dos Santos André Apost., Philippe Apost., Bertolo, Mathias, Estevão Martyr, Lourenço M., Vicente M., Mauricio M., Longino M., Sixto papa M., Braz bispo M., Valentim bispo M., Adalberto bispo M., Clemente bispo M., Pedro M. da Ord. dos Pregadores, Juliano M., Theodoro M., Rufino M., Martinho bispo, Gregorio papa, Gregorio Thaumaturgo bispo, Nicolau bispo, Felix arcebispo, Mario arcebispo, Valerio confessor, Medardo bispo, Florencio duque, Chrisanto bispo, Vigberto sacerdote, Simeão eremita, Nicodemos, de quem faz menção o Evangelho.

Um relicario de prata, ovado, de altura de dois palmos, e friso lavrado de relevo com tres remates á feição de quartães. No aberto tem dois anjos com uma ambula de cristal na mão, na qual está um espinho da corò de Christo. Sobre o espinho uma cruz de Santo Lenho, e nos abertos do friso as reliquias de S. Thiago Ap., Santo André Ap., S. Bartholomeu Ap., S. Bar-

nabé Ap., Santo Estevão M., S. Lourenço M., S. Vicente M., S. Braz bispo M., S. Nicolau bispo confessor, Santa Maria Magdalena.

Dois relicarios grandes de pau, de seis palmos de alto, e quatro de largo, doirados, com varias reliquias dignas de muita estima, como são um osso de S. Mathias Ap.

As reliquias até aqui referidas, pertencem todas á doação de D. João de Borja. Antes da referida doação, já a casa de S. Roque tinha algumas, e como aquellas tambem expostas na mesma capella. Para darmos egualmente relação d'ellas, aqui as memoramos:

Uma cruz grande de prata, que tem dentro outra pequena do Santo Lenho, engastada em oiro, com alguns aljofres.

A casula com que dizia missa o glorioso patriarcha Santo Ignacio.

Dois braços de prata dos Santos seguintes:

S. Pantaleão, Martyr;

S. Bento, abbade.

O braço de cobre doirado, com reliquia de S. Chrisostomo.

Um braço de prata, doirado, o qual tem no meio um engaste de oiro, que contém dentro a firma da mão de Santo Ignacio, de seu nome.

Um braço de prata, com a reliquia de S. Roque.

Um dente do glorioso patriarcha Santo Ignacio, mettido em um meio corpo de madeira, doirado, e estofado.

Um relicario grande de prata, que remata n'uma charola, com quatro columnas, e uma cruz de cristal.

Um meio corpo de madeira, doirado, que tem no peito uma reliquia do Santo Xavier.

Um dente de S. Lino, papa, Martyr.

Um corpo de madeira, encarnado, e doirado, em que estão reliquias dos Santos Innocentes.

Um meio corpo de prata, e n'elle uma cabeça dos Santos Martyres Thebeos.

Na capella das Santas Virgens, as seguintes: Tres meios corpos de prata, que contém as cabeças de

Santa Brigida, Virgem;

Santa Aurelia, Virgem;

Santa Geva, Martyr.

Mais dois meios corpos de prata, com duas cabeças das onze mil Virgens.

Quatro meios corpos de bronze doirados, em que estão quatro cabeças das onze mil Virgens.

Cinco meios corpos de pau doirados, e estofados, em cada um d'elles uma cabeça das onze mil Virgens.

Uma custodia de prata doirada, com um canudo de cristal, e n'elle mettidos os cabellos da Virgem Senhora.

Uma imagem de vulto da Virgem Nossa Senhora com o Menino Jesus nos braços, peças ambas de prata, doiradas, com resplendor á roda tambem doirado, com seis ovados de reliquias no pedestal. As reliquias são de S. Estanislau, bispo; S. João, esmoler; Santo Eusta-

(1) V. «Acoriano Oriental», num. 212, de 7 de Dezembro 1839 — «Monitor», num. 43, de 11 de Dezembro de 1839 — «Diario do Governo», num. 303, de Dezembro de 1839 — «Panorama», vol. iv da 1.ª serie, pag. 43 — «Philologo», num. 9, pag. 66.

(2) V. Supplemento ao num. 166 do «Angrense», de 13 de Dezembro de 1839 — §§ 4.º e 8.º do Relatório que acompanha a 1.ª «Collecção dos Escriptos administrativos e litterarios, do sr. José Silvestre Ribeiro» — «Topographia», do sr. padre Jeronymo Emiliano d'Andrade, t. 1.º, pag. 23 e seg.

chio, Martyr; S. Palmachio, Martyr; S. Wuolfango, bispo e confessor.

Um pedestal de cobre doirado, estribado sobre uns globosinhos, e umas campainhas pendentes, que em dois ovados tem varias reliquias.

Duas taboas de prata doiradas, com lisonjas de prata, e as armas de D. João: uma tem trinta e cinco reliquias, e outra quarenta e duas.

Um relicario com um osso de Santa Praxedes.

Um relicario de prata, com uma cruz, e quatro columnas que tem a reliquia de Santa Justina, Virgem e Martyr.

Um braço de prata com reliquia de Santa Isabel, viuva do rei de Hungria.

Outro braço de prata, com reliquia de Santa Simphorosa, Martyr.

Outro braço de prata, com reliquia de Santa Nimpha, Virgem e Martyr.

Um braço de prata doirado, que tem quatro engastes com reliquias de Santa Maria Magdalena, que são um vaso de cheiros preciosos que derramou sobre o Senhor, e ossos do braço da mesma Santa, e outras partes do corpo.

Um braço pequeno de prata, com reliquias dos Santos Innocentes.

Cinco relicarios de pau doirados. Um grande contendo nove casas com reliquias. Outro tambem grande, com semelhante feitio, e reliquias. Dois menores, e d'elles o mais pequeno com uma jelsia de prata, e vinte e quatro reliquias. O quinto, pequeno, tem seus engastes, com mais de cincoenta reliquias.

Entre estas reliquias se contam as da tunica interior de Nossa Senhora, do veo da sua cabeça, dos vestidos da Virgem, e de S. João Evangelista, e ossos das Santas: Maria Salomé, Maria Magdalena, Martha, Photina, Catharina, Barbara, Cecilia, Eufemia, Marinha, Apolonia, Margarida, Dorothea, Clemencia, Prisca, Iosipa, Bargarra, Cordula, Esposa, Benigna, Getruda, Milia, Casaira, Corona, Eulalia, Eduigis duqueza, Hypolita, Odilia, Tenella, Anastacia, Ignez, Paulina, Justina, Hunigunda imperatriz, Isabel viuva, Ludmila viuva, etc.

Um relicario de pau doirado, com reliquias do retrato da Santa Veronica.

Dois braços de pau doirados, com reliquias de Santos Martyres.

Uma cruz de pau de oliveira de Jerusalem, com quarenta e duas reliquias dos Logares Santos.

Doze columnas de folha de Flandres doiradas, com varias reliquias.

E as antigas da casa eram:

Um meio corpo de prata, com uma cabeça das onze mil Virgens.

Um relicario de prata, dado pela rainha D. Catharina, com as reliquias de Santa Eteria, rainha; Santa Helena, rainha; Santa Isabel, rainha de Hungria; S. Mathias, Apostolo.

A imagem da Virgem, copia de uma pintada por S. Lucas.

Um relicario de tres palmos, com um espinho da corôa de Christo, e cruz do Santo Lenho.

Um relicario grande de prata, rematado por uma charola, com quatro columnas, e dentro uma verga da corôa de Christo, e reliquias das suas alparcas; e cabellos e reliquias de Sant'Anna, S. José, e outros Santos.

Um Menino Jesus de vulto, com um resplendor de prata, e dentro uma reliquia do Santo Lenho.

Um presepe, parte de prata, e parte de latão doirado, de dois palmos e meio de alto, e mais de um de largo, com figuras do Menino Jesus, da Virgem, de S. José; e o Menino posto em uma mangedoura, que pela parte de fora mostra uma reliquia grande do pau do proprio estabulo em que se deitou na lapa de Bethlem.

Continua.

F. D. D'ALMEIDA EARAUIJO.

AONDE EXISTE A VENTURA?

Aonde existe a ventura,
Que pois desejo buscal-a?
Será no ceo que se esconde,
Porque não posso alcançal-a.

Na terra não, que não mora,
Que tantos somos traz d'ella;
E não me consta d'algum
Que viva sem lhe dar q'rella.

Ide ao palacio do rico,
Onde sobeja a vaidade,
Ouvil-o-heis lastimar
Da negra sorte a maldade!

Buscae da côrte a nobreza,
E vel-a-heis pressurosa
Buscando nova honraria,
Que mais a torne vaidosa!

Olhae o cura da aldêa,
E vel-o-heis surrateiro
Mitra de bispo invejando,
Na santimonja matreiro!

Vêde o soldado, na paz
Males da guerra chamando;
Tiro pede, que o eleve,
O camarada matando.

O lavrador, o artista...
Todos... nenhum satisfeito,
Em altas vozes bradando
Contra este mundo imperfeito!

Se pois aqui sobre a terra
Tudo são males, tristura,
Não ha quem viva contente,
Aonde existe a ventura?

HOFFMANN!

I

Propondo-nos grupar em um quadro alguns passos da vida do grande poeta alemão, é uma biographia ou um romance que vamos traçar?

O vulto multiforme do autor dos *Contos phantasticos*, quasi tão impalpavel como as visões creadas por aquelle cerebro vertiginoso, é de tal forma extraordinario, que pertencendo á galeria dos contemporaneos, se nos figura destacado das eras fabulosas.

Fallando do homem, occupar-nos-hemos simultaneamente das obras que o tornaram immortal pela sua originalidade.

Os livros de Hoffmann não foram vasados em nenhum molde, e ninguem conseguiu ainda imital-o. O excentrico prussiano pode dizer como o Christo: *Ego sum qui sum!*

Antes d'elle ninguem adivinhara aquelle mundo de phantasmas; depois d'elle ninguem lhe achou ainda o caminho.

Mais feliz que Colon, não encontrou invejosos que lhe disputassem a gloria da descoberta, porque a este mundo, todo seu, não aportaram depois Americos nem Cabots.

A aparição dos *Contos phantasticos* de Hoffmann, produziu em França um maravilhoso entusiasmo; mas como uma lei fatal impõe sempre ao genio alguma miseravel perseguição, os que se diziam seus interpretes, não lhe podendo rastrear o talento, procuraram diffamal-o, escarnecel-o.

A caricatura o pregou, como outro Sileno, a cavallo em um barril de cerveja; cercou-o da fumarada das tabernas; cobriu-o de nodos de vinho: e para fechar o accesso d'aquelle famoso livro de phantasias aos gabinetes da gente honesta, taxou as suas incomparaveis bellezas de mero producto da embriaguez e da devassidão.

É um dos seus traductores e biographos, *mr. P. Christian*, que se expressa assim em 1842; é um francez, que fulmina os seus invejosos conterraneos, e desagrava as cinzas do grande poeta, do intelligente magistrado, do amigo leal, do homem probo.

E tudo isso era Hoffmann, o eminente genio, de quem se riam quatro criticos burlescos!

Coitados! Ninguem conhece hoje os seus nomes, em quanto o de Hoffmann durará tanto como o mundo! Cuidaram que a verdadeira gloria podia abalar-se com sarcasmos, motejos e caricaturas... o seu alvo ficou de pé sobre o pedestal dos seculos, e d'elles, os criticos, nada resta!...

Ha muita gente que cita o nome d'este admiravel realisador de chimeras, e emite a seu respeito uma opinião favoravel ou desfavoravel, sem ter lido mais do que um ou dois dos *Contos phantasticos*, e alguns unicamente por terem ouvido fallar do autor como um talento excepcional, ou como um visionario ridiculo.

Só a leitura de todos os seus livros, comparada com a existencia aventureosa do autor, pode dar a medida da prodigiosa flexibilidade de Hoffmann em todos os ramos das bellas-artes.

Nas lettras, na pintura, e na musica, o autor dos *Contos phantasticos* foi sempre original, inimitavel, unico. Ou escreva um romance, ou desenhe um quadro, ou execute uma symphonia, o reflexo do homem excepcional transparece sempre em qualquer d'estas formas da arte.

Nem os heroes de Homero, nem os guerreiros de Ossian, tem mais sublime individualidade do que os personagens de Hoffmann. O Paraíso de Milton e o Inferno do Dante, os jardins encantados do Tasso, e as cavernas tenebrosas do Ariosto, não apresentam uma collecção tão original de figuras severas e grutescas, tetricas e risonhas, duendes, magicos, feiticeiras, como as phantasticas creações do nosso autor.

Aquella imaginação ardente, em continuo movimento, ora fugia da poesia para a pintura, ora da pintura para a musica; e se os seus desenhos não tem a severa correcção de Salvator Rosa, nem as suas operas attingem a sublimidade de Mozart, apresentam todavia o cunho de uma incontestavel e surprehendente originalidade.

Ernesto Theodoro Guilherme Hoffmann, nasceu em Königsberg, na Prussia oriental, a 24 de Janeiro de 1776. Seu pae occupou, durante mais de vinte e seis annos, os empregos de conselheiro criminal e commissario de justiça em Insterburg. Sua mãe era filha do advogado consistorial Doerfer, homem de merito, que foi longo tempo procurador de quasi todas as familias nobres da Silesia.

A infancia e a juventude de Hoffmann passaram-se na cidade que lhe deu o berço, escutando os sons melancolicos que sua debil mãe arrancava do piano, ou traçando sobre uma Biblia de seu avô, extravagantes figuras de demonios, pouco em harmonia com o texto sagrado que ladeavam. Um tio rispido, affectado e systematico, como o barão que figura no conto da *Fascinação*, e uma tia, ainda moça, engraçada e travessa, como a encantadora criação de *Seraphina*, escoltavam tambem de continuo o futuro poeta, dando-lhe, talvez, a primeira idéa dos contrastes humanos.

Destinado por seu pae a seguir a carreira da jurisprudencia, entrou, sem vocação para tal estudo, na antiga universidade de Königsberg, e estudou direito, porque tendo nascido pobre, comprehendeu que o seu amor pelas artes lhe não abriria uma carreira vantajosa no mundo, como a profissão de legista.

Esta sabia consideração não o impedia, contudo, de abandonar repetidas vezes as *pandectas*, para lançar mão da penna, dos pinceis, ou da rebeca.

Na universidade contrahiou elle amisade com o celebre Hippel, que foi até á morte o seu fiel

Achates. Estes dois entes, estreitamente unidos pela sympathia, entendiam-se maravilhosamente, apesar de serem os seus genios dessimilhan-tes e até oppostos em varios pontos. Um era o fogo, o outro a calma!

Porém esta união teve de ser interrompida logo a nascença. Hippel foi nomeado para um emprego judicial, longe de Königsberg, e viu-se obrigado a abandonar temporariamente o seu amigo, o que tornou Hoffmann triste e melancolico.

Na idade de vinte annos, porém, é sempre facil achar distracções. Uma paixão ardente tomou então posse do coração de Hoffmann, e o espirito romanesco do joven estudante produziu logo os seus dois primeiros romances — *Cornaro* e o *Mysterioso*, que nunca se publicaram.

O amor havia inspirado estes primeiros ensaios artisticos de Hoffmann, que foram aniquilados quando cessou a paixão. A diversidade de posição social e de fortuna obstava á união dos dois amantes. Como Bernardim, como Camões, como o Tasso, o nosso heroe foi obrigado a separar-se do objecto do seu primeiro amor, mas não commemorou, como aquelles, em sentidas endeixas a ausencia da mulher querida, a saudade dos fugitivos dias de ventura.

É que Hoffmann nascera nos fins do seculo XVIII. Mais de duzentos annos o separavam d'esses tempos de fé viva e robusta crença, que allumiaram os amores dos tres suavissimos poetas por Beatriz, Natércia e Leonor.

Como nem amante nem amigo o prendiam já a Königsberg, antes d'ali o afastavam, e o emprego de auditor que elle exercia pouco interesse e consideração lhe dava, passou a concluir os seus estudos juridicos em Glogau, na Silesia prussiana, sob a direcção de um tio seu, conselheiro da regencia d'aquella cidade.

Em 1798, tendo concluido os estudos, foi despachado para um tribunal de Berlin; e dois annos depois, acabando de passar pelo que se chama na Prussia *exame rigoroso*, subiu a um cargo superior da magistratura, na regencia de Posen.

Ahi compoz as suas primeiras operas, que foram cantadas com applauso no grande theatro da cidade. Uma d'ellas intitulava-se — *A opera* (*Die singspiel*), palavras de Goethe; outra — *O gracejo*; e uma terceira — *Astucia e vingança*.

Infelizmente, porém, para Hoffmann, o seu talento não se exercitou unicamente na musica; e esquecendo que aspirava a seguir a carreira da magistratura, começou a fazer caricaturas a respeito de tudo e de todos; o que lhe valeu um exilio para Plozk, pequena cidade a trinta e duas leguas de Varsovia.

Hoffmann havia sacudido de si a melancolia; os seus desenhos eram apreciados geralmente; e a fama do seu talento deveu o amor apaixonado de uma joven polaca, com quem casou, pouco antes de ser exilado.

O satyrico desenhador não se lembrava que

havia creado com o seu lapis muitos inimigos poderosos e vingativos; esperava a todo o momento, ao lado de sua esposa, o despacho de conselheiro de regencia, quando viu apparecer a arbitraria ordem de exilio.

O nosso heroe não perdeu contudo o seu tempo em Plozk. Escreveu ali um folheto, cujo assumpto é a introdução dos coros no drama; compoz algumas missas e sonatas; tirou retratos; continuou a fazer caricaturas; e reproduziu á penna as pinturas de vasos etruscos, que se acham na collecção de estampas, publicada em Paris pelo gravador David, e o antiquario d'Hancarville.

Em 1804, cessando enfim a perseguição de que fôra victima, passou Hoffmann a exercer um novo posto na magistratura, como conselheiro da regencia de Varsovia.

Era a primeira vez que o poeta contemplava, n'uma posição independente, o bulicio de uma grande cidade. Novos horisontes se abriam ante a sua vista de aguia; e sem que o seu genio se *amaneirasse*, as lições do mundo augmentavam em larga escala o desinvolvimento intellectual do philosopho. Hoffmann ia, enfim, ser devidamente apreciado pela Alemanha, pela Europa, por todo o orbe litterario.

Continua.

F. M. BORDALO,

COSTUMES HOLLANDEZES.

Quando uma mulher d'este paiz se casa, preparam-lhe as convidadas uma capella de flores, com que coroam a noiva, pendurando-a á noite, na cabeceira do leito nupcial, o qual tambem se cobre todo de ramos verdes.

Quando os noivos saem de casa para a igreja, as ditas convidadas os acompanham até ao fim da rua, lançando-lhe uma d'ellas continuamente punhados de flores, que leva n'um cesto ou bandeja. Quando voltam da igreja esta mesma convidada vae encontrar-os a trinta passos distantes da casa, tornando outra vez a deitar-lhe flores. Esta pratica só tem logar quando a noiva é donzella. As viúvas não quadram as flores, que são emblema d'aquelle estado.

Quando morre um hollandez, os seus herdeiros e parentes dão-lhe sepultura com toda a solemnidade. Concorrem ao acto funebre os parentes, amigos, e visinhos. Ajuntam-se em casa do defunto a hora determinada, todos vestidos de preto.

Saindo o corpo, todo este acompanhamento, no qual se não admittem mulheres, o segue em duas alas, a dois e dois, com toda a gravidade. Logo ao pé do defunto vão os parentes, depois as pessoas de maior distincção, em terceiro logar os amigos, e finalmente os visinhos. Enterrado o corpo acompanham todos até casa aquelles herdeiros ou parentes mais chegados do defunto. Chegando perto de casa param estes, e agra-

endo aos convidados, com profundas reverências, a companhia que fizeram ao morto, os convidam para beberem á saude dos vivos.

Mudam então completamente as scenas. Entrando todos em casa, começam a encher grandes copos de vinho, ou cerveja, segundo as riquezas do defunto e grandeza com que os herdeiros querem honrar a sua memoria. Começam todos a beber tão desatinadamente que em breve o logar de tristeza se muda no de alegria, ouvindo-se rir, cantar, e zombar, no mesmo sitio em que poucas horas antes se não fazia outra coisa senão chorar.

Este uso é da gente ordinaria, porque os nobres, bebendo um ou dois copos de vinho á saude dos herdeiros, saem immediatamente da casa.

Se o defunto foi pessoa de distincção era costume antigo levar adiante do feretro um grande painel com as suas armas pintadas. Este painel ficava na sepultura por tempo de um anno; e outro semelhante quadro se via na casa do defunto em todo o tempo que durava o luto.

**

RELAÇÃO DAS COISAS QUE ACONTECERAM EM A CIDADE DE ANGRA, ILHA TERCEIRA, DEPOIS QUE SE PERDEU EL-REI D. SEBASTIÃO EM AFRICA.

Continuação.

LX

De como Manuel da Silva ordenou uma ou duas armadas para irem a Cabo-verde, e Castello d'Arguim.

Estava nesta cidade um fidalgo da ilha da Madeira, por nome Manuel Serradas Camello. Aviou Manuel da Silva oito ou dez velas com soldados; fez capitão-mor dellas ao ditto Manuel Serradas, e capitães particulares de cada nau; e dice que levassem a bandeira de Portugal, com suas armas em cada nau, e que todos os navios que lhe não obedecessem como capitães d'el-rei D. Antonio os tomassem, e todos trouxessem a esta ilha de qualquer sorte que fossem, com todas as mercadorias que dentro viessem, por que tudo venderia aqui bem; e os que resistissem os tomassem por guerra, e os prendessem como traidores, e prezos viessem, e que ás naus e navios do reino de Castella fizessem o mesmo, não como traidores pois eram vassallos d'el-rei de Castella; e que el-rei D. Antonio, que com elle andava em guerra, que se havia de ajudar; e que fossem ao Castello d'Arguim e que tomassem e embarcassem toda a artilheria; e que fossem á ilha de Cabo-verde e que dando obediencia a seu rei natural lhe não fizessem damno algum, mas que fizessem um pedido pelos moradores della, para ajudarem seu rei; e lhes deu outras ordens, e tudo por regimento feito. Foram como dez velas, francezas

quasi todas, uma formosa nau capitanea, por nome Amberte, e se foram, e logo foram direitos ao Castello d'Arguim. Como os acharam descuidados facilmente os tomaram; e tomaram muitos navios de pescaria, e naus de muito porte, e as mandaram todas a esta ilha com soldados portuguezes e francezes dentro, e em uma nau metteram um piloto d'esta ilha, por nome o Trompica com outros portuguezes. No mar, como os portuguezes eram poucos e se fiaram da gente da nau que era muita, por serem todos portuguezes, se levantaram uma noite estando dormindo, e mataram trez ou quatro e feriram os outros que por todos eram dez, e os levaram á ilha da Madeira aonde enforcaram o pobre piloto, e outro que ia por cabo, tambem natural desta cidade, por nome o Marquêz, e em outra nau metteram soldados francezes. Estes tinham boa vigia: levantaram-se os portuguezes da nau contra elles, mas foram desgraçados porque os francezes eram senhores das armas. Em breve espaço mataram os mais dos portuguezes, e delles mal feridos, e os que trouxeram vivos os mandou Manuel da Silva acoutar, e tomar-lhe as fazendas, e vieram muitos navios e naus que a armada tomava.

LXI

De como Manuel Serradas tomou a ilha de Cabo-verde por armas.

Chegou Manuel Serradas á ilha de Cabo-verde com seis naus, porque as outras se ficaram á pilhagem pelo mar. E chegando á ilha mandou recado por um padre chamado Manuel Rodrigues Teixeira, que aquella armada era de el-rei D. Antonio, que lhe não queria fazer agravo algum, mas que se reconhecessem por seus vassallos. O ditto padre foi a terra, e mal tomado o recado ou mensageiro, começaram a pelear com elle, que estavam por el-rei D. Philippe, e que não queriam fazer o tal; e o tomaram e o metteram na cadeia a bom recado. Já n'este tempo as naus tinham botado em terra como dusentos soldados, sem elles os verem botar, e vieram pela fralda de um monte, segundo se dice, e contaram nesta ilha. Quando os moradores da cidade viram vir a gente posta em ordem e atirando uns afastados dos outros pareceram-lhes muitos mais dos que eram, e sem mais ordem de defeza se pozeram em fugida, e sem guerra entraram na cidade, e cuidaram que o padre Manuel Rodrigues que o tinham morto, e o acharam mettido na prisão; e saquearam a terra de tal maneira, que veio a armada rica, e carregada de tudo o da terra, e de muitos escravos forros e cativos. Ao bispo lhe não ficou cousa alguma, que té as mitras trouxeram, antes dizem que o molestaram os soldados francezes; e nada disto parecia bem a gente christã, e de entendimento.

LXII

Da ordem que Amador Vieira e Manuel da Silva tiveram para descobrirem muitos homens, do que tinham determinado.

Suspeitava-se que além da gente que o Snr. D. Antonio fez embarcar consigo, que ainda ficara outra de suspeita, e ja neste tempo estava preso na cadeia Braz Nogueira, que foi o mais zeloso do serviço do Snr. D. Antonio, e era capitão de uma companhia, por estar tido dos muito leaes, e estava Gaspar Gonçalves de Utra, e seu irmão Estacio de Utra na cadeia. Foi-se ter com elles o ditto Amador Vieira e lhe dice, que bem sabiam suas mercês como elle viera com recados de sua magestade ao Snr. D. Antonio, para que se tirasse de andar peregrinando por reinos estrangeiros, fazendo-lhe muitos honrosos partidos; e que Manuel da Silva como cá o acolheu lhe fizera ameaças grandes, que o havia de degolar se elle se não provocasse de coração ao serviço d'el-rei D. Antonio seu senhor, e que lhe andava á vontade, mas que tudo era zombaria; que por fim el-rei D. Filippé era poderoso, e que todos o temiam; que duraria pouco tempo a opinião desta ilha. E outras mais couzas lhes dice, para os apalpar. O ditto Gaspar Gonçalves de Utra e seu irmão Estevam de Utra eram naturaes da ilha do Faial, homens fidalgos, e dos melhores da ilha; e Gaspar Gonçalves de Utra era capitão-mor da ditta ilha, e ilha do Pico; e Manuel da Silva os tinha prezos só de suspeitos, mas não tinha culpas delles: os quaes, segundo viram o fingimento do ditto Amador Vieira, e ser homem mancebo, e não ter ido nunca fallar com elles, nem nunca o tinham visto, tiveram aquillo por novidade, e entenderam a peçonha que ia dentro, lhe diceram: *Pois para que nos vem v. m. ca persuadir a isso, a dois homens prezos?* Respondeu que Manuel da Silva lhe dicara que delles não tinha culpas formadas, e que por presumpção os tinha prezos, e que por isso os avisava, e juntamente que lhe descobrissem seu peito, que o queria saber para que el-rei D. Philippe, quando lhe perguntasse depois d'elle liberto, para lhe dar rol delles, e dos homens de seu serviço: os quaes lhe responderam: *Pois snr. os nossos peitos só Deus nosso Senhor os sabe, e neste caso v. m. vem mal encaminhado, porque se nós contra o serviço do Snr. D. Antonio nosso rei tiveramos feito alguma couza, não nos vieramos metter nesta ilha, que no Faial senhores eramos della, que não havia lá quem nos prendesse, antes se nós pretenderamos ser do serviço d'el-rei Philippe, poderosos eramos para lhe entregarmos a ilha do Faial; pelo que v. m. vem mal encaminhado, comnosco não tem nada que fazer nisso: prezos estamos, livrar-nos-hemos: o snr. Conde fará justiça: somos vassallos d'el-rei D. Antonio, e o temos jurado por rei: a elle havemos de seguir.* Ficou Amador Vieira apaixonado,

do, pedindo-lhes que o não descobrissem: quiz ter estes fingimentos com elles.

Continua.

EFFEITOS DE UMA PRAGA.

Em todas as nações ha lendas e contos maravilhosos, que uns tomam por fabulas, e outros acreditam com uma boa fé e crença que fazem pasmar. Muitas d'estas lendas passam á posteridade, autorizadas pelo fanatismo, e pela superstição, que lhe consagram testemunhos para impor aos credulos. Em o numero d'estas se pode classificar a seguinte que anda espalhada na historia da Hollanda.

Achamo-nos na aldêa de Losdum, que dista da Haya meia legua, celebre pelo convento que a condessa Margarida ahi fundou no anno de 1267, e ainda mais celebre pelo monstruoso parto da condessa Mathilde, filha do conde Floren-te, e irmã de Guilherme, rei dos romanos.

Foi succedido no anno de 1576. Esta princeza negou um dia esmola a uma pobre que d'um parto teve dois gemeos, dizendo-lhe que dois filhos não podiam ser do mesmo pae.

A pobre, scandalisada de que assim se suspeitasse da sua honra, respondeu á condessa que permittisse Deus ella concebesse de uma só vez tantos filhos quantos dias tem o anno.

Nove mezes se passaram, e a praga teve o seu effeito. A condessa houve effectivamente de um parto trezentas e sessenta e cinco creanças, todas vivas e perfeitamente formadas, cada uma do tamanho de um dedo. A todas administrou o sacramento do baptismo o bispo Gui, suffraganeo do de Utrech, dando o nome de João a todos os meninos, e de Isabel a todas as femeas. Uns e outras, e tambem a condessa, morreram pouco depois, e sepultaram-se no mesmo tumulo.

Na igreja da aldêa mostram-se duas bacias de arame, nas quaes dizem que foram baptisadas as trezentas e sessenta e cinco creanças. As bacias não teem de fundo mais de palmo e meio.

Tambem se poz na mesma igreja um quadro com a representação d'esta historia, e uma inscripção em latim, que vertida é a seguinte:

«Eis aqui um monstruoso e memoravel effeito sem exemplo igual desde o principio do mundo. Em observando este portentoso caso retirete d'aqui confuso, e admirado.»

Demos noticia da historia, e, como não somos obrigados a mais, deixamos á crença de cada um prestar-lhe o grau de fé que quizer.

Ha historias, tidas por verdadeiras, que, se a verdade podesse fallar, não passariam de meros contos.

A historia do mundo é a recopilação das loucuras dos homens.